

ALARCÃO, ADÍLIA (2018).

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-6_14

De Paço a Museu. Um edifício singular

Coimbra: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Arqueologia,
Artes e Ciências do Património, 132 p.

Pela proximidade física e pelas suas características, desde muito cedo que o Museu Nacional de Machado de Castro esteve ligado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, designadamente ao seu Instituto de História da Arte, uma vez que, como o próprio nome sugere (Machado de Castro, escultor), a Arte, mormente a Arte da Renascença, constituía parte substancial do seu espólio. Por isso, docentes da Faculdade exerceram cargos de direcção; primeiro, os dessa área da Arte, depois, quando o interesse pelo criptopórtico romano passou a ser maior, os de Arqueologia.

Uma referência à personalidade de Vergílio Correia é, naturalmente, indispensável, porque ele se partilhou entre a Faculdade de Letras, as escavações de *Conimbriga* e o Museu, cabendo-lhe a iniciativa de publicar, em 1941, um catálogo-guia das secções de Arte e Arqueologia do Museu.

Nessa ligação entre a Universidade e o Museu se insere a direcção do Doutor Jorge Alarcão. Foi, por exemplo, durante o seu período que se publicaram, de sua lavra, mas sem menção de autoria, mui significativos e oportunos opúsculos monográficos, que funcionaram como guias para esclarecida visita: *Escultura da Renascença* (1970), *Ourivesaria* (1971), *Criptopórtico* (1971), seguidos, em 1980, do livrinho de Nelson Correia Borges, *A Capela do Tesoureiro da Antiga Igreja de São Domingos*.

Do ponto de vista arqueológico, foi o criptopórtico, pela sua sumptuosidade e, inclusive, pelo bom estado de conservação, que cedo despertou as atenções da comunidade científica. Por esse motivo, logo João Manuel Bairrão Oleiro houve por bem apresentar os dados mais salientes do edifício ([1955-1956]. O criptopórtico de *Aeminium*. *Humanitas*, 4-5, 151-160) e, de colaboração com Jorge Alarcão, fez, ao nível internacional, a primeira apresentação oficial dessa

importante estrutura arqueológica deveras singular, na École Française de Rome, por ocasião do colóquio internacional do Centre National de la Recherche Scientifique intitulado *Les Cryptoportiques dans l'architecture romaine*, aí realizado de 19 a 23 Abril de 1972, com a comunicação “Le cryptoportique d’*Aeminium*”. Recordarei, a propósito, que, ao visitar, em Outubro de 1992, o criptopórtico de Arles, o arqueólogo responsável se voltou para mim e me disse que as características ímpares desse criptopórtico gaulês em tudo se assemelhavam ao de *Aeminium*, o que dava a entender que ambos poderiam ter saído da mesma escola de arquitectura.

Assim, as obras de remodelação mais recentes do Museu, já pelos finais do século xx, deram primordial atenção ao criptopórtico, na medida em que estava descoberto um piso, mas existia outro inferior.

Antes de me referir ao que, nesse âmbito, se escreveu depois, creio ser de interesse salientar — e essa reflexão vem ao encontro do que Adília Alarcão escreveu no livro a que proponho referir-me — que se verifica neste caso, como noutros, uma apropriação do espaço. Dizendo doutra forma: se isto foi relevante durante séculos, importa que o seja agora também! Este poderia ter sido o pensar dos bispos que decidiram escolher o sítio para nele instalarem o seu paço. Ressalte-se, aliás, um pormenor que vem corroborar observações feitas noutros contextos mas coincidentes: é que da análise espacial aqui levada a cabo se concluiu que, com muita verosimilhança, o paço se implantou onde, no tempo dos Romanos, se erguera a basílica! O habitual processo de substituição de culturas... Já lá iremos. Por agora, importará recordar a função do criptopórtico: ser a base de apoio para a construção superior, nomeadamente neste local onde se tornava necessário vencer a ladeira e criar horizontalidade. Criou-a no tempo dos Romanos, porque aí se implantou o fórum, ou seja, a grande praça coração da urbe; criá-la-á também depois, quando sobre o criptopórtico se elevar o paço episcopal.

Obra tão grandiosa precisava de melhor estudo arqueológico. Isso pensou o Doutor Jorge de Alarcão e, por tal motivo, aproveitando a oportunidade das obras de remodelação do museu, sugeriu a um dos seus colaboradores, o Dr. Pedro Carvalho, que, tendo acompanhado essas obras, sobre os conhecimentos ora adquiridos apresentasse a dissertação de mestrado, o que se concretizou: *O fórum de*

Aeminium ([1998]. Instituto Português de Museus), minuciosa análise dos primeiros trabalhos arqueológicos empreendidos e das conclusões assim obtidas.

É na sequência desses sugestivos resultados que Jorge Alarcão se deixa entusiasmar e leva a cabo mais dois estudos, em que a perspicácia científica se alia ao bom gosto na apresentação, uma vez que ambos os volumes se evidenciam pela forma e pelo conteúdo: *Coimbra. A montagem do cenário urbano* ([2008]. Imprensa da Universidade) e *O fórum de Aeminium. A busca do desenho original*, datado de 2009, edição do Museu e da Edifer, em que colaboram elementos que integraram as equipas de escavação. A propósito de, em Mérida, se ir realizar uma reunião científica expressamente dedicada aos fóruns urbanos, Pedro Carvalho e membros do seu grupo de trabalho aí apresentam a comunicação “Caminhando em redor do Fórum de *Aeminium*” (In Nogales Basarrate, Trinidad [2010]. *Cidade e Foro na Lusitânia Romana*, s. *Studia Lusitana*, 4, 69-88), em que se faz a integração do criptopórtico no traçado urbanístico (arruamentos e cloacas) da cidade romana, com especial referência ao fontanário encaixado na sua fachada mais monumental.

Da equipa de Pedro Carvalho fez parte Ricardo Costeira da Silva, que, além de se ter dedicado ao estudo dos materiais exumados, nomeadamente cerâmicos de várias épocas, acabou por apresentar, em 2016, a tese de doutoramento subordinada ao título *O Museu Nacional de Machado de Castro. Um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso Castelo Branco*.

Tempo é, pois, de darmos conta do que se lê nas 132 páginas (em português e em inglês) deste livro da Dra. Adília Alarcão, autora que, diga-se desde já, consubstancia na sua formação — e isso transparece necessariamente do seu estudo — a ciência arqueológica e as preocupações museológicas (lembre-se que dirigiu, durante anos, o Museu Monográfico de Conímbriga).

O volume faz jus ao seu formato de álbum em papel couché, porque, se o texto é escoreito e se lê com o maior agrado, as mui apropriadas ilustrações (fotografias e desenhos antigos e actuais, tratados por José Luís Madeira e Carlos Santos) emprestam uma graciosidade que não pode deixar de se agradecer à empresa Rui Veríssimo Design. Veja-se, a título de exemplo, logo a primeira imagem (p. 5), a fotografia quase estilizada de uma escadaria, convite aliciante a subir...

Os capítulos seguem a ordem cronológica, desde a informação sobre o que se conhece acerca das origens e características espaciais do paço episcopal (há uma descrição de 1416 e as evidências arqueológicas apontam para ser construção de finais do século xi) e suas transformações ao longo dos séculos — o paço onde D. Jorge de Almeida se instalou na passagem do século xv para o xvi, o programa maneirista da 2.^a metade do século xvi (que foi objecto de investigação por parte de Lourdes Craveiro), a grande reforma empreendida pelo bispo D. João de Melo (1684-1704), a intervenção pontual levada a cabo por D. Miguel da Anunciação em meados do século xviii — para chegarmos ao programa de D. Francisco de Lemos (p. 61-69) e à última reforma do paço (p. 70-73). Tudo miudamente documentado com base nas gravuras das respectivas épocas e nos dados fornecidos pela estratigrafia e pelos materiais arqueológicos datáveis.

Passa-se depois à instalação do Museu em 1912, na sequência, naturalmente, da apropriação pelo Estado recém-republicano dos bens do Clero (o paço foi ocupado a 10 de Fevereiro de 1912) e as instalações episcopais mostraram-se adequadas, pela sua tipologia, a serem instituição museológica (o museu foi oficialmente criado por força de decreto-lei datado de 26 de Maio de 1911) — e ainda bem!

Foi António Augusto Gonçalves quem por primeiro assumiu as rédeas do processo (1912-1929). Haverá um programa museológico mais organizado na década de 30, da responsabilidade de Vergílio Correia; e, nos anos 50-60, com a atrás referida maior ligação à Faculdade de Letras, iniciou-se um processo de modernização, em concomitância também com as novas ideias a despontar para a Museologia, disciplina então a ensaiar os primeiros passos: foi o tempo de Luís Reis Santos (1951-1967). Esse processo acabaria, porém, por ser de certo modo interrompido, também devido às vicissitudes políticas dessa época, e só com as referidas intervenções arqueológicas de 2006 a 2011 — que implicaram, naturalmente, outro dinamismo expositivo — o Museu ganha novo fôlego, mormente por via do projecto de requalificação, da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne.

Em *De Paço a Museu* se abarca, por conseguinte, uma panorâmica inteligente, bem fundamentada, de todos os aspectos da vida do edifício e das suas sucessivas transformações, quer do ponto de vista arquitectónico quer museoló-

gico, a reboque das concepções em curso nas várias épocas, ainda que nem sempre bem conseguidas ou compreendidas.

E, para finalizar, um pormenor que não é de somenos: a ‘nota prévia’, em que a autora explicita o objectivo a alcançar (traçar a longa história deste paço/museu), está datada de... 16 de Junho de 2016! A ficha técnica indica: “Dezembro, 2018”. Ou seja, mais de dois anos se labutou para encontrar editor, designadamente institucional, como seria de esperar. A “instituição” não decidiu; veio a terreiro, felizmente, o Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património! Não podemos deixar de mui vivamente nos congratularmos com a iniciativa!

[texto escrito no antigo acordo]

JOSÉ D’ENCARNAÇÃO

jde@fl.uc.pt

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>